

A. JORGE RIBEIRO

Camilo Castelo Branco

TERRAS DE
PASSAGEM

1 - SANTO TIRSO

Súmula

SANTO TIRSO
2008

DATAS IMPORTANTES¹

02-08-1807	Nasce Manuel José Ribeiro ² , em Vila das Aves.
27-01-1814	Nasce, no Porto, Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa ³
24-03-1821	Nasce Carolina, irmã de Camilo
16-03-1825	Nasce Camilo Castelo Branco, em Lisboa, na Rua da Rosa⁴
14-04-1825	Camilo é baptizado na igreja dos Mártires de Lisboa.
06-02-1927	Morre, em Lisboa, a mãe de Camilo.
27-09-1831	Nasce, no Porto, Ana Augusta Plácido
24-01-1834	Nasce, em Penafiel, António Augusto Soares Rodrigues Ferreira ⁵
22-12-1835	Morre, em Lisboa, o pai de Camilo
18-08-1841	Camilo casa com Joaquina Pereira de França.
25-08-1843	Nasce Rosa Pereira de França Castelo Branco, filha de Camilo
12-10-1846	Camilo é preso na Relação do Porto pelo rapto de Patrícia Emília
23-10-1846	Camilo sai da Cadeia da Relação do Porto
10-03-1848	Morre a filha Rosa
25-06-1848	Nasce a filha de Camilo e Patrícia Emília, Bernardina Amélia
09-12-1858	Herculano propõe Camilo sócio correspondente da Academia das Ciências
26-03-1860	É pronunciada por crime de adultério Ana Plácido, com ordem de captura
04-05-1860	É pronunciado Camilo Castelo Branco
06-06-1860	Ana Plácido é detida
30-06-1860	Inauguração da Cadeia Nova, em Santo Tirso
01-10-1860	Camilo entrega-se à prisão
15-10-1861	Julgamento de Camilo e Ana Plácido
16-10-1861	Sentença de absolvição para Camilo e Ana Plácido
28-06-1863	Nasce Jorge Camilo Plácido Castelo Branco, em Lisboa.
15-07-1863	Morre Manuel Pinheiro Alves
14-12-1863	Carta régia em que Santo Tirso foi vila
15-09-1864	Nasce Nuno Castelo Branco, em Ceide.
28-12-1865	Casa Bernardina Amélia com António Francisco de Carvalho
15-07-1866	Castilho e Tomás Ribeiro visitam Camilo, dando origem ao obelisco
16-10-1868	Inauguração da iluminação a petróleo em Santo Tirso
02-03-1872	D. Pedro II, imperador do Brasil, visita Camilo e concede-lhe a Ordem da Rosa
17-09-1877	Com 19 anos, morre na Póvoa de Varzim, Manuel Plácido, filho de Ana Plácido
11-10-1878	Descarrila o comboio de Fimalcção para o Porto, ficando ferido Camilo
20-01-1881	Decreto-Lei que fez o Comendador Ribeiro Visconde de São Bento
03-07-1881	Casa com o Nuno, em Braga, a D. Maria Isabel da Costa Macedo
31-08-1884	Morre Maria Isabel da Costa Macedo
13-09-1884	Morre a neta de Camilo Maria Camila, com 17 meses.
15-02-1885	Morre a filha de Camilo Bernardina Amélia
18-06-1885	Camilo passa a ser Visconde de Correia Botelho, por concessão de D. Luís I
06-05-1886	Decreto em que o Visconde de São Bento foi elevado a Conde.
04-08-1887	Nuno Castelo Branco passa a ser Visconde de S. Miguel de Ceide
09-03-1888	Camilo casa com Ana Plácido, no Porto, pelas 21 horas
01-06-1890	Morre Camilo Castelo Branco, em Ceide, S. Miguel
25-01-1892	Morre, em Santo Tirso, o Dr. Pedrosa
26-03-1893	Morre o conde de S. Bento, no dia em que o Dr. Ferreira faz 59 anos
20-09-1895	Morre Ana Plácido
23-01-1896	Morre o Nuno Castelo Branco
20-05-1898	Nasce, em Santo Tirso, o pintor Tomás Pelayo
09-09-1900	Morre o Jorge Castelo Branco (há referências ao dia 10)
22-02-1908	Morre, em Santo Tirso, o Dr. Rodrigues Ferreira

¹ Não são referidas as datas da confecção ou da primeira publicação das obras de Camilo Castelo Branco porque são em grande número e aparecem referenciadas em muitos estudos camilianos. Muitas destas datas foram recolhidas de *Camilo*, de João Bigote Chorão, Lisboa, 1986. Não foram adoptadas as que divergem das anteriormente fixadas.

² Viria a ser comendador, visconde e, depois, conde de S. Bento. O título de visconde de S. Bento passou, em 1894, para Vasco Maria Osório Sarmiento Coutinho, abastado proprietário de Lamego.

³ Foi médico em Santo Tirso e acudiu inúmeras vezes a Camilo Castelo Branco.

⁴ Camilo, por engano, diz numa carta a Castilho não datada mas escrita em 1868, que faz 42 anos em Março, quando são 43.

⁵ Importante médico de Camilo e seu particular amigo, exerceu a sua carreira profissional e política em Santo Tirso durante 40 anos.

COMECEMOS PELA MORTE

No dia 23 de Maio de 1890, uma sexta-feira, o João de Ceide, criado de Camilo, chegou cedo de Vila Nova com o correio do escritor num atado encapado pelo n.º 420 do «Jornal de Santo Thyrso» da semana em curso.

Como habitualmente o fez durante anos, o rapaz colocou o maço enfitado sobre a mesa tendo, no sobressalto, atraído a atenção de D. Ana que cirandava na copa. A dona da casa desfez o atado e, junto à mesa de trabalho, leu os remetentes para um Camilo meio adormecido e magríssimo que conseguia, inerte, a imobilidade da cadeira de balouço.

Colocou-lhe, sobre o cobertor que lhe cobria os joelhos, o semanário tirsense.

Camilo andava absorto, vacilando entre a resignação e o cinismo para aliviar os lances da pré-existência do inferno em que se transformara a sua vida.

Cego, Camilo Castelo Branco perdera a faculdade inelutável de escrever mas, acima de tudo, a cegueira impedia-o de sofregamente haurir nas “cartilhas” e “missais” da sua biblioteca as respostas às pendências e polémicas com que a realeza absoluta e os absolutos do realismo o avergoavam.

Que saudades sentia o escritor das polémicas dirimidas com o «Manuel Enciclopédico»! Agora, os tempos eram outros!

Apesar das dificuldades da amaurose, nesse dia ainda conseguira ler as gordas do jornal.

Camilo Castelo Branco teria uma razão objectiva para não apreciar grandemente o Conde de S. Bento. Escreveu um dia o seu pensamento de muitas luas sobre um agiota, de quem quis ser vítima:

“...empresta a juro de cinquenta por cento; mas não é ele carasco que estrangule todas as vítimas que se lhe oferecem; meditou antes de lançar mão do esparto, e mandou-me delicadamente embora: é que me achou insolvente.”

O escritor imaginava-se tão miserável que nem vítima da onzenice do Conde conseguia ser.

O dr. Rodrigues Ferreira, médico de Santo Tirso que primeiramente chegara ao leito de morte naquela tarde de 1 de Junho de 1890, apercebeu-se que algo espreitava no meio do bulício causado pelo estertor do génio de Ceide: o «Jornal de Santo Thyrso» estava caído junto à cadeira de balouço, aberto numa página que noticiava:



Camilo, com uma bala assertiva disparada do seu Bull-dog de coronha de madeira, furava a cabeça pelo orifício do ouvido quando, em Santo Tirso, o Conde de S. Bento furava a atmosfera com dez grosas de foguetes de lágrimas.

Era domingo, o dia premeditado para o suicídio.

Perante a hesitação do reitor de S. Miguel, interpôs-se o abade Pedrosa para que se dobrasse a finados no campanário.

Foi com a pena de morte que Camilo escrevera o último poema:

Ana Plácido publicou n' *O Leme*⁶ os últimos versos escritos/ditados por Camilo, eivados numa insondável amargura:

A MEUS FILHOS

Chega a morte! vejo-a, sinto-a.
A luz dos olhos se apaga...
Vem, meu filho, abraça e beija
De teu pai a face fria.
Limpa-lhe o rosto orvalhado,
Não de pranto, que eu não choro.
Mas do suor da agonia,
Não me fujas, filho, imprime
Na tua alma esta imagem.
Daqui a pouco, à voragem
Resvalou teu pobre pai
Vem também, santa das dores,
Receber o extremo ai!
Não me vás levar flores
À sepultura, não vás.
Leva-me os filhos felizes,
Leva-os contigo e verás
Que me aquece a luz da vida
Na sepultura, esquecida,
Onde enfim hei-de ter paz

⁶ O primeiro número de *O Leme*, semanário chefiado pelo Nuno, surgiu em Agosto de 1895, falecendo Ana Plácido, um mês depois.

PRÓLOGO

É curioso que o editor do *Jornal de Santo Thyrso*, em 1903, entende que o título de Visconde posto a Camilo, lhe fica como a inscrição do nome de uma rua por postura municipal sem o consentimento popular que, depois, é arrancado pela mão noctívaga, sendo colocado o anterior topónimo. Diz ele que o notável escritor será sempre Camilo Castelo Branco e, até, simplesmente Camilo!

Santo Tirso, de que eu sou natural e onde vivo há mais de meio século – e há trinta anos na mesma casa – que eu nunca conheci como *terra de passagem*!

Muitas pessoas têm chegado a Santo Tirso, oriundas das mais diversas paragens, motivadas principalmente pela transferência, no caso de funcionários públicos e, recentemente, os chamados retornados que regressaram de Angola, Moçambique, Guiné Bisau, Cabo Verde, Índia e Macau, e que ajudaram ao desenvolvimento da indústria e do comércio locais, criando milhares de postos de trabalho.

Chegam e ficam.

Não tenho a pretensão do velho João da Ponte, das Caldas do Gerês, que abominava os que se anichavam, de modo permanente, no desfiladeiro termal, recusando-se a transpor a montanha para o lado espanhol; sobretudo a guarda fiscal e a republicana.

Eu gostaria que tivessem alagado o estômago de Camilo com água da Fonte da Maria Velha – ou do chafariz «do meio» – de modo a cativar o escritor, deixando Santo Tirso de ser “terra de passagem” para ser “terra do ilustre sedentário”. Mas quis a fortuna que a propriedade do Pinheiro Alves fosse em S. Miguel de Ceide!

Muito temos de agradecer a essa fortuna por nos colocar tão grande génio a uma légua de distância!

Camilo estudou na Escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1844 e 1845 e em Coimbra, em 1845 e 1846.

Foi amanuense no governo civil de Vila Real em 1847.

Entre 1846 e 1847 foi iniciado na maçonaria por Ricardo Jorge, junto de José da Silva Passos.

Foi preso, acusado de adultério, entre 1859 e 1861.

Participou na Questão Coimbrã em 1865.

O visconde de Santo Tirso escreveu⁷ que “o Camilo, que tinha uma excelente pena⁸, tinha uma péssima língua, e sucedia-lhe às vezes por aquela ao serviço desta”. Mais: “quando sucede a um homem da intelectualidade de Camilo dar-lhe para a maledicência, é porque tem para isso uma razão especial e pessoal”. Mas também escreveu que “Camilo Castelo Branco não é seguramente tolo, e a prova disso é que passou a melhor parte da sua vida a fazer tolices”. Cirilo Machado, visconde de Santo Tirso, escreveu estas citações a propósito do relacionamento de Camilo com o conde de S. Bento.

*

Este opúsculo tem como única intenção fazer com que as pessoas que amam Santo Tirso – e devem ser muitas porque é uma bela terra! – leiam grandes páginas de literatura camiliana sem terem de ler um montão de livros de fio a pavio.

⁷ Cartas de Algures.

⁸ No *Jornal de Santo Thyrso* de 9 de Maio de 1889: «O uso de penas de aço vai ser proibido em documentos importantes, que tenham de ser guardados, na Torre do Tombo, por estar averiguado que passados anos a leitura de tais documentos se torna impossível, por se acharem todos cortados no lugar da escrita. Adeus! patos, que ficais depenados!»

Se aguçar a curiosidade e levar os leitores a devorarem alguma destas obras, tanto melhor.

Imaginamos as relutâncias dos grandes e sinceros amigos de Camilo, nomeadamente o Abade Pedrosa (filho do cirurgião Pedrosa) e o médico dr. Rodrigues Ferreira que, por ser dignitário religioso, o primeiro, e servidor municipal, o segundo, tinham de estar sempre nas boas graças do conde de S. Bento e do seu poder aquisitivo e contributivo; mas, pessoas de grande independência intelectual, moral e particularmente financeira, ostentavam a amizade camiliana.

O abade, em 1881, pede a Camilo a oitava que ficou cravada na sacristia do Mosteiro. Em 1885, o abade vai ao leito do conde, acompanhado de ilustres figuras, com um abaixo-assinado de mais de 200 assinaturas “donde saem 2 fitas de seda com as cores nacionais” para significar os votos de melhoras da população tirsense. Em 1886, Camilo ridiculariza de modo contundente o conde de S. Bento. Em 1888 Camilo socorre-se da grande amizade e da confidencialidade do abade Pedrosa e, de conluio com o cónego Alves Mendes, quase consegue casar em Santo Tirso.

Deve ter sido, com efeito, muito difícil, ser amigo de Camilo e, simultaneamente e durante mais de uma década, bajular o conde.

Alguns traços da personalidade de Camilo:

Identificação – Reconhecidamente, Camilo Castelo Branco não usava bilhete de identidade. Creio que naquele tempo ninguém trazia no bolso documento de nascimento ou identificação; por isso o escritor muitas vezes, ao ter de declarar a identificação através do local de nascimento e da paternidade, errava.⁹

Preço da fama – Eram tantos os noveis¹⁰ escritores e escritoras a pedir opinião de Camilo sobre poemas, cartas, romances, discursos, que o romancista, não obstante a doença ter aumentado à medida que ampliou a sua notoriedade, terá usado muitas vezes as más disposições e a dificuldade oftálmica para rejeitar a sensaboria de ler as milhares de páginas que, de todo o país e do Brasil, lhe eram submetidas para apreciação e aconselhamento.

Destino – Em carta de Benfica, datada de 15 de Julho de 1889, Camilo pede para ser sepultado na Lapa.

Mente – O intelecto de Camilo viveu sempre a uma velocidade estonteante, procurando sempre que os factos antecedessem os acontecimentos. Escreveu muitos milhares de cartas a centenas de destinatários. Terminava apressadamente muitas cartas escrevendo: “está o correio a partir”.¹¹

Prosa – Contrariamente ao que os professores e alunos, versados em “Amor de Perdição”, pensam e dizem, Camilo tinha de enfrentar constantemente assuntos prosaicos como a falta de dinheiro, o desconto de letras na agência de Famalicão do Banco do Minho onde recebia as transferências dos livreiros, pedidos de adiantamentos, agradecendo a oferta de hortaliza, solicitando uma lata de manteiga, ou citando o anexim miserabilista “quando a raposa anda aos grilos, mal da mãe e o que será dos filhos?”¹²

⁹ Alberto Pimentel, Amores de Camilo, pág. 203.

¹⁰ «Novel» é igual a principiante, novato; inexperiente, imperito, bisonho. *Dicionário Kingghost de Língua Portuguesa*.

¹¹ Naquele tempo os selos postais em desuso eram recolhidos e substituídos por selos com novas franquias.

¹² Carta a Freitas Fortuna de 20-8-1889. Da correspondência com Freitas Fortuna, vê-se o valor em que Camilo colocava a verdadeira amizade. Quer Freitas Fortuna, quer o seu irmão médico, dr. Urbino, foram amigos autênticos do grande escritor, que correspondeu à amizade de forma inequívoca. Vid. Dois Anos de Agonia, de Júlio Dias da Costa, Lisboa, 1930.

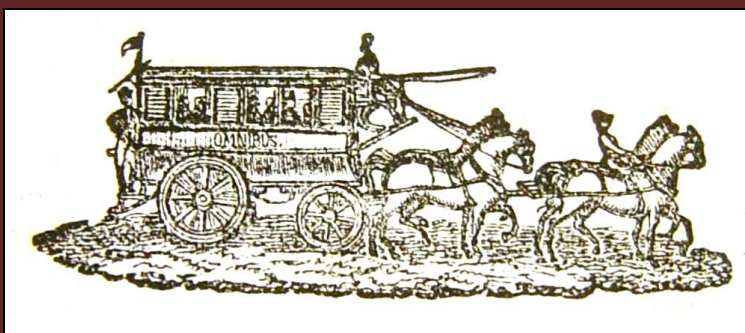
Vinho – «Se houver alguma garrafa do vinho Ribeiro de Mesquita, peço-lhe o favor de ma remeter, porque tenho sentido grandemente a falta desse tónico; e se a não houver, queira intimá-lo da minha parte a que não se esqueça de mim.» - Carta escrita pelo autor em 1888.

Incompreensão – Houve quem tentasse descobrir uma mente pecaminosa ou criminosa em Camilo Castelo Branco.

Empenhos – Camilo livrou da tropa vários jovens, em que empregava o melhor dos seus empenhos. Foi o caso dum filho, amparo de mãe, a velhinha que lhe criara o Nuno.

Doença – Muitas cartas dirigidas a Camilo Castelo Branco perderam-se irremediavelmente, porque ele estava sempre a mudar de residência. Cartas que escrevia, ele e a mulher, terminavam indicando a morada e número da porta para onde se dirigiam seguidamente, como que sugerindo o caminho da resposta.

Dinheiro – O médico Ricardo Jorge, depois de ter socorrido Camilo Castelo Branco, na Póvoa, foi com ele, já mais bem disposto, jogar a roleta em Vila do Conde. O Ricardo perdeu o dinheiro todo que tinha nos bolsos “até ao cotão”. Camilo esperava-o



Carro da carreira usado em 1883

tilintando na palma da mão 5 libras, arrancadas à sorte da roleta, e trauteava alegre “Poderoso caballero / Es don diñero!”

Desespero – Camilo chegou a esboçar uma carta ao conde de Samodães a suplicar um pouco de água de Lurdes como colírio milagroso para os olhos. Instado pelo médico a não o fazer, rasgou a carta a rir-se. Mau conselho, o do clínico!

Viagens – Camilo jamais¹³ transpôs as raias da pátria. (Ricardo Jorge, pág. 105). Pensou apenas uma vez ir a Paris, jovem, com o Evaristo Basto. Já se sabia que não iria, pois exigiu levar consigo uma “calista então em voga”.

Obra – Toda a sua obra é “húmus da terra”, águas dos vales, céu azul e sol sem mancha.

Empregos – Camilo Castelo Branco tentou variadíssimas vezes arranjar emprego (colocação), não só para o seu filho e para os filhos dos outros, como também para si próprio, com pouco sucesso.

Mulheres – Quanto a mulheres... Em carta datada de 25 de Abril de 1884, Josenan Sulut escreve, no Jornal de Santo Thyrso: “Parece que para o nosso romancista Camilo Castelo Branco não há segredos no íntimo das mulheres, porque exprime que elas têm o coração nos olhos e o juízo no coração”.

Oportunidade – “Eu persuado-me que a venda será mais segura, se farejarem nela uma coisa justa a que eles hão-de chamar escândalo”.

¹³ Este advérbio é demasiado radical! Em 1837, os órfãos Camilo e sua irmã Carolina, vítimas de uma tempestade na sua viagem marítima de Lisboa para o Porto, são forçados a desembarcar em Vigo. Camilo tinha, pois, doze anos, seguindo de imediato viagem para Vila Real de Trás-os-Montes, para casa da sua tia D. Rita Brocas.

Seriedade – “A seriedade é uma doença, e o mais sério dos animais é o burro”.¹⁴

Camilo Castelo Branco casou várias vezes, tentou casar com uma mulher casada, teve um número discutível de filhos e, por conseguinte, de netos. Conheci um neto que envelhecia pelas ruas de Santo Tirso, com o bom ar de quem era estimado por algum familiar ou amigo. Tinha um nariz bastante grande. Era Manuel Correia Botelho Castelo Branco, nasceu a 23 de Abril de 1893 e faleceu em Santo Tirso em 27 de Julho de 1975. Foi escultor de madeira e casado com D. Maria Clara Roiz, sem geração. E, já agora, o Nuno Castelo Branco, 1º visconde de S. Miguel de Ceide, teve, com Ana Rosa Correia, um filho de nome Simão Botelho Castelo Branco¹⁵, que foi casado com Maria Guilhermina Guimarães e que, entre outros, foi pai de Ana Maria Castelo Branco, casada com Manuel Azevedo Mendes de Carvalho. Este casal teve um filho chamado José Francisco Castelo Branco Mendes de Carvalho que casou com uma senhora de Santo Tirso, Cristina Maria Cruz de Sousa Soares. Existe, portanto, uma menina tirsense, trineta paterna de Camilo Castelo Branco, chamada Ana Luís Cruz Soares Castelo Branco de Carvalho, nascida em 2 de Outubro de 2001. Uma tia-avó materna desta menina, Maria José, tem comigo um afilhado de baptismo, como eu chamado António Jorge.

Já ouvi e li rumores pondo em dúvida a paternidade de uma filha, rejeitada *post-mortem* pelo Nuno Castelo Branco; sobre a paternidade do Jorge, imputando-a a um amigo de Camilo, e sobre a paternidade do Manuel, suposto filho de Pinheiro Alves...

Bem diz o ancestral provérbio chinês – *ama os filhos de tua mulher que pode ser que sejam teus*, o que, em português de lei, dá *os filhos de tuas filhas teus netos são, os de teus filhos serão ou não*.

Os filhos com quem o escritor viveu mais intimamente foram de Ana Plácido e chamavam-se Nuno e Jorge¹⁶.

Santo Tirso, para Camilo, era terra de bons ares e de bons médicos... mas de lá tirou personagens gente pouco digna e considerou-a terra muito dada a “espíritos fortes”.

Após a morte do marido, não se refere mais Ana Plácido a Santo Tirso. Vira-se para Famalicão, e para o casmurro do juiz que quer, a toda a força, inventário dos bens e retirar a pensão ao Nuno.

¹⁴ Frase inserida na Revista Ilustrada, Lisboa, número de 30 de Abril de 1890.

¹⁵ Este Simão era irmão do Manuel Correia acima referido.

¹⁶ O Jorge, o da acácia, desenhava muito e escreveu alguns textos de conteúdo estranhíssimo (glossolalia?) a que alguém chamou “produções desconchavadas”. Um deles intitula-se “Tratado do exórdio universal em crepitude da existência do Ente Supremo”. Vem citado pela sobrinha Raquel Castelo Branco, no opúsculo “Trinta Anos em Ceide”, publicado em Lisboa em 1925. O primogénito de Camilo e Ana foi internado no Hospital Conde Ferreira em 1886. Este Hospital de Alienados, situado “à Cruz das Regateiras”, tinha sido inaugurado em 24 de Março de 1883. Numa carta a Manuel Negrão, diz o pai: “O Jorge há dois ou três dias que verseja incessantemente ou toca flauta.» As suas produções literárias foram, mais tarde, comparadas às dos dadaístas e dos suprarrealistas (surrealistas). No Conde Ferreira, trabalhava, em 1886, o “ilustre médico aereopatha e alienista” Dr. Magalhães Lemos.